

Uma réstia de luz ainda brinca às carícias sobre o asfalto, nos muros e nas pessoas. Mas é só instantaneamente porque já as luzes dos néones piscam impacientes e passados alguns minutos nova aurora toma forma. Aqui e mais além os homens entreolham-se e sorriem. Já passa das dezoito horas e estou na Rua de Bagamoyo.

Os passos não me levam a lugar nenhum. Apenas passeio minha ânsia de estar ali. Olhar para todos lados sem prestar atenção a coisa nenhuma, como se tivesse já a certeza de todas imagens.

Estar ali e dizer Bagamoyo, em voz alta, para que se ensurdeça a infâmia dos que reebuscaram na cumplicidade de todas noites o passado duma Rua Araújo que a história fechou as portas.

Não. Já não era a mesma coisa ali. Senão estariam a estacionar os táxis despejando putéfnas para todas boates. Como no antigamente quando a Violeta passeava a ingenuidade dos seus dezassete anos nas mesas do Aquário. Ou quando a Maria das Dores, mulata sensação da rua do pecado, bamboleava ancas contemplada por gerentes, advogados e doutores de todos calibres. Já não era como dantes quando todas gajas se comprimiam quando todas «às da boa-vida» se comprimiam nas esquinas, desde o Dacing, Tami-la até o Carlton, e riam banalidades para o marinheiro loiro acabado de desembarcar sabe-se lá donde e suando tacos por todos lados. Ou quando ensaiavam o coito retardado ao som do Jeeboks.

Nada. Estava calmo aquilo. E na agitação inocente que se vislumbraava pouca coisa fazia lembrar o passado.

Mas já a noite descia com certa brusquidão e continuava ali espetado, talvez a procura de um pretexto que não fosse a contastação e interiorização das coisas circundantes. Seria a presença humana, pois, para rirmos todos ao mesmo tempo brincando pela metamorfose.

E foi quando «eles» surgiram como a mansidão da brisa quando os dias são mais quentes no Verão. Eram uns quatro, talvez cinco, deviam ser sete. Sei lá. E assim de repente ficámos, olhando-nos. Há uma inspecção, instantânea e descubro de repente os olhos que avaliam-me o preço, o da informação, claro. Para saber «como era por aqui» e se elas eram assim ou assado, pois... também não haveria problemas de nada porque estavam dispostos a pagar em dinheiro estrangeiro.

São turistas, confidenciam-me, vinham de um lugar que as palavras mastigadas não me deixaram entender. Já se tinham beliscado com as ondas das nossas praias e mastigando o nosso camarão às dúzias. Só lhes faltava o «meeting-Show» com a impetuosidade sexual da mulher negra. Face a revelação possue-me bruscamente a raiva que não os trepassa porque repousa convulsamente no meu âmago. Fixo-os com a indiferença desta convicção inabalável que os dólares não vacilam. Algures, num país qualquer, a Rua Araújo lhes fora sugerida...

Mas Rua Araújo o quê? Já foi nome, tempo, mercado humano, sífilis e despersonificação. O apogeu vergonhoso de um sistema de cinco séculos. Como ensinar-lhes a conotação do outro nome? Dizer-lhes Bagamoyo em voz alta até ensurdecer os tímpanos ao horizonte, abalar o seu conceito-turístico já com mais de seis anos de atraso. São muitos anos estes, suficientes para rejeitar-se esta face do turismo que não se quer assim como os dólares de cumplicidade.

Oito anos são suficientes para que o que foi realidade seja apenas um marco na história, suficientes para que os nossos lábios se desabituem das palavras e dos gestos obscenos e, suavemente, chamem a ex-irmã das ruas do pecado para a tranquilidade dos nossos braços.